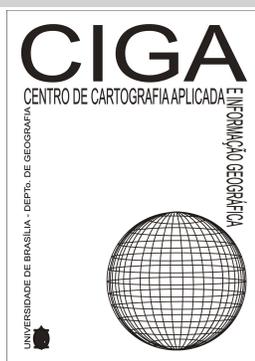


Artigo

revista



T - T - T

Revista Eletrônica:
Tempo - Técnica - Território,
V.4, N.1 (2013), 51:74
ISSN: 2177-4366

DOI: <https://doi.org/10.26512/ciga.v4i1.16319>

O BRASIL AFRICANO DE JORGE AMADO: TERRITÓRIOS, CARTOGRAFIAS & FOTOGRAFIAS

Rafael Sanzio Araújo dos Anjos

p. 51-74

Como citar este artigo:

ANJOS, R. S. A. O BRASIL AFRICANO DE JORGE AMADO: TERRITÓRIOS, CARTOGRAFIAS & FOTOGRAFIAS. Revista Eletrônica: Tempo - Técnica - Território, v.4, n.1 (2013), p. 51:74
ISSN: 2177-4366. DOI: <https://doi.org/10.26512/ciga.v4i1.16319>

Disponível em:

<http://inseer.ibict.br/ciga/index.php/ciga/article/viewFile/173/132>

Este obra está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional.

O BRASIL AFRICANO DE JORGE AMADO: TERRITÓRIOS, CARTOGRAFIAS & FOTOGRAFIAS (*)

Prof. Dr. Rafael Sanzio Araújo dos Anjos

Centro de Cartografia Aplicada e Informação Geográfica

Depto. de Geografia – Universidade de Brasília – Campus Universitário – Asa Norte –

Brasília – Distrito Federal – Brasil. CEP.70.910-900 E-mail: cartografia@unb.br

Sites: www.unb.br/ih/ciga/ / www.rafaelsanziodosanjos.com.br

RESUMO: Uma das questões estruturais relacionada à cultura africana no Brasil que continua merecendo investigação e conhecimento, está relacionada aos aspectos historiográficos e geográficos da formação e distribuição da população de ancestralidade na África do território brasileiro. O *paper* resgata as principais referências geográficas e cartografias presentes nas obras do escritor Jorge Amado e utilizamos como espaços de investigação, nesta oportunidade, as representações espaciais do Estado da Bahia, particularmente as da cidade de São Salvador de Bahia ou Cidade da Bahia, com os seus espaços marcantes nas suas obras como: o Pelourinho, o morro do Capa-Negro, o Cais de Salvador, Itapuã, Amaralina, Pituba, Farol da Barra, o morro da Igreja do Bonfim, Peripiri, dentre outras partes deste conjunto urbano, marcado pelas referências africanas. Usamos como ferramenta básica de trabalho, os recursos das imagens cartográficas e fotográficas, pelas suas possibilidades de ser eficiente no conhecimento e na apreensão de conteúdos historiográficos e contemporâneos. O estudo identificou que sem a “Geografia da Cidade da Bahia” a literatura de Jorge Amado jamais seria a mesma, ou seja, o território da cidade de Salvador, marcado fortemente na primeira metade do século XX, por uma identidade africana bem definida no cotidiano urbano, mesmo no contexto de exclusão sócio espacial e o preconceito secular do sistema escravocrata.

Palavras Chave: Geografia Afro-Brasileira, Território Étnico; População de matriz africana; Jorge Amado, Brasil Africano, Diáspora África-Brasil.

ABSTRACT: *One of the structural issues related to the African culture in Brazil that still deserves investigation and knowledge is related to the historiographic and geographic aspects of formation and distribution of the African descendent population in the Brazilian territory. This paper recovers the main cartography and geographic references in the works of the writer Jorge Amado and used as places of research, in this time, the spatial representations of the State of Bahia, particularly the city of São Salvador da Bahia or Cidade da Bahia, with their marked spaces in his works such like: the Pillory, the hill of the Cover-Black, Pier Salvador, Itapuã, Amaralina Pituba, Farol da Barra, the hill of the Church of Bonfim, Peripiri, among other parts of this urban pool, marked by African references. We used as basic tools, the resources of cartographic and photographic images, by their possibilities of be effective in knowledge and apprehension of content and*

contemporary historiography. The study identified that without the "Geography of the City of Bahia," the Jorge Amado literature never be the same, say, the city of Salvador territory, strongly marked in the first half of the twentieth century, for an African identity in daily well-defined city, even in the context of socio-spatial exclusion and secular system of slavery prejudice.

Key Words: African-Brazilian Geography; Ethnic Territory; African matrixed population; Jorge Amado, African Brazil; Africa-Brasil Diaspora.

RÉSUMÉ: *Un des problèmes structurels liés à la culture africaine au Brésil qui continue à justifier une enquête et la connaissance est liée à des aspects géographiques et historiographique de la formation et de la distribution de la population d'ascendance africaine dans le territoire brésilien. Le papier sauve la cartographie principale et références géographiques dans les œuvres de l'écrivain Jorge Amado et l'utilisation des espaces de recherche, à cette occasion, les représentations spatiales de l'état de Bahia, en particulier la ville de San Salvador de Bahia ou la ville de Bahia, avec leurs espaces marqués dans ses œuvres que le Pelourinho, la colline de la Cover-noire, le Pier Salvador, Itapuã Amaralina Pituba, Farol da Barra, la colline de Bonfim Eglise, Peripiri, entre autres parties de la ville, marqué par des références africaines. Utilisé comme un outil de travail de base, les ressources des images cartographiques et photographiques, ses chances d'être efficace dans la connaissance et acquérir du contenu et de l'historiographie contemporaine. L'étude a révélé que, sans la «géographie de la ville de Bahia» littérature de Jorge Amado plus jamais la même, à savoir le territoire de la ville de Salvador, fortement marqué dans la première moitié du XXe siècle, par une identité africaine bien défini dans la vie quotidienne urbain, même dans le contexte de l'exclusion socio-spatiale et des siècles de préjugés du système esclavagiste.*

Mots-clés: *Géographie afro-brésilienne, le territoire ethnique, la population d'origine africaine; Jorge Amado, le Brésil African Diaspora Afrique - Brésil.*

INTRODUÇÃO

Os aspectos historiográficos, geográficos e cartográficos da África e suas relações com a formação do território brasileiro, constituem, ainda, questões estruturais relacionadas à identidade territorial africana no Brasil, que precisam de maior investigação e conhecimento. Dessa maneira, configura-se uma necessidade de recuperação e resgate dos fragmentos de informações e referências espaciais que permitiram e ainda possam permitir a construção de um perfil mais adequado das referências das culturas africanas e da população afro-brasileira na estruturação e configuração territorial do Brasil e da sua

sociedade. Neste sentido, estabelecer outras perspectivas para uma compreensão da Geografia e da Cartografia Afro-Brasileira representada e reconstituída em muitas das obras de Jorge Amado, são pressupostos básicos para a reconstituição das resistências e sobrevivências das culturas africanas na configuração territorial e da população brasileira. A geografia é a ciência do território, e o território é o melhor instrumento de observação do que está acontecendo no espaço geográfico. Ela expõe a diversidade regional, as desigualdades espaciais, as potencialidades da natureza e a heterogeneidade da população. Não podemos perder de vista que a geografia é a área do conhecimento que tem o compromisso de tornar o mundo e suas dinâmicas compreensíveis para a sociedade. A geografia é, portanto, uma disciplina fundamental na explicação da formação da população brasileira, que apresenta uma heterogeneidade singular na sua composição étnica, socioeconômica e na distribuição espacial. Os mapas, por sua vez, são as representações gráficas do mundo real, se firmam como ferramentas eficazes de interpretação e leitura do território, possibilitando revelar a territorialidade das construções sociais e feições naturais do espaço e, justamente por isso, mostram os fatos geográficos e os seus conflitos. Utilizamos neste *paper*, como ferramenta básica de trabalho, os recursos das imagens cartográficas e fotográficas, pelas suas possibilidades de ser eficiente no conhecimento e na apreensão de conteúdos historiográficos e contemporâneos. Utilizamos como referências de investigação, nesta oportunidade, as representações espaciais do Estado da Bahia, particularmente as da cidade de São Salvador de Bahia ou Cidade da Bahia, com os seus espaços marcantes nas suas obras como: o Pelourinho, o morro do Capa-Negro, o Cais de Salvador, Itapuã, Amaralina, Pituba, Farol da Barra, o morro da Igreja do Bonfim, Peripiri, dentre outras partes deste conjunto urbano, marcado pelas referências africanas. São importantes, ainda, as referências ao Recôncavo da Bahia, como por exemplo: Santo Amaro da Purificação e, a Região do Sul da Bahia, com foco em São Jorge dos Ilhéus e Itabuna. Pelo menos 20 das suas obras, particularmente as escritas no período de 1930 – 1950 e 1958 – 1970, foram identificados territórios de matriz afro-brasileira.

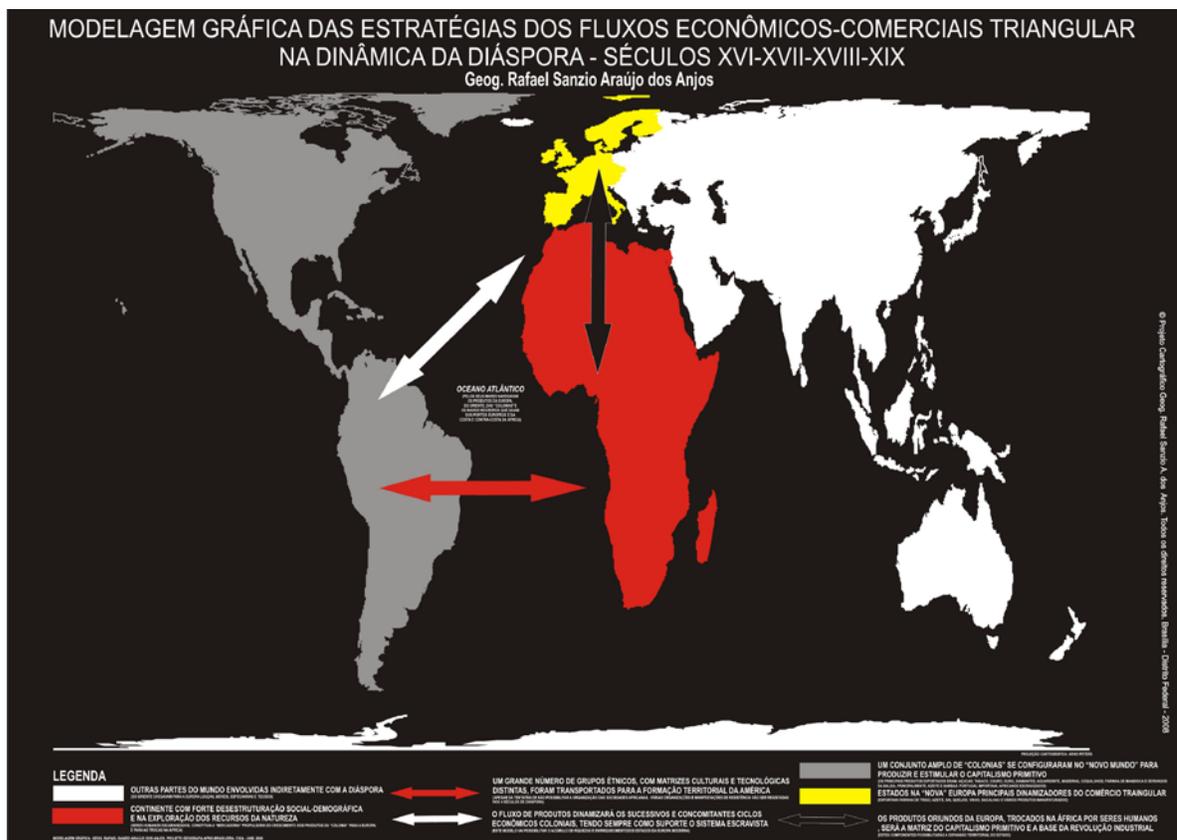
Este artigo tem três partes fundamentais, uma primeira, que faz referências aos componentes geopolíticos básicos que estimularam os deslocamentos de populações e sociedades do continente africano para a América e o Brasil. A segunda parte do *paper*, trata dos espaços do “Brasil Africano” de Jorge Amado, particularmente na Bahia, com

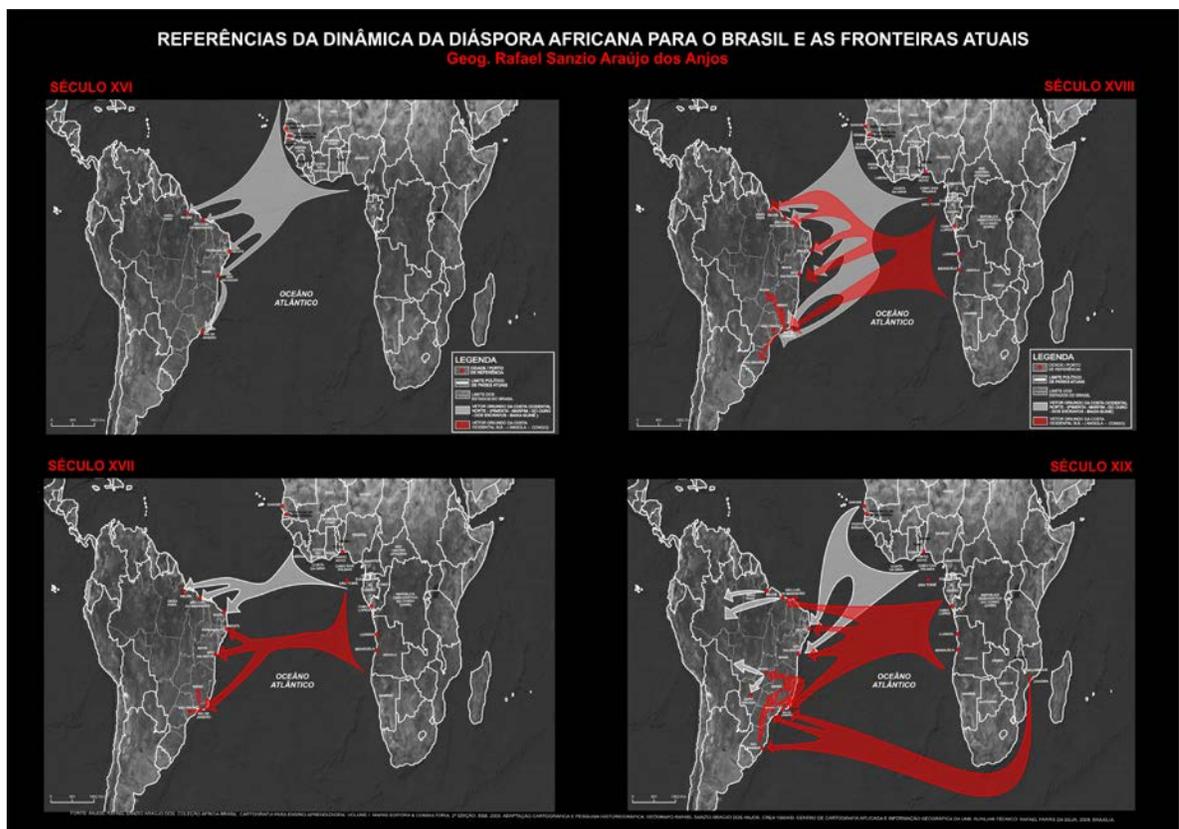
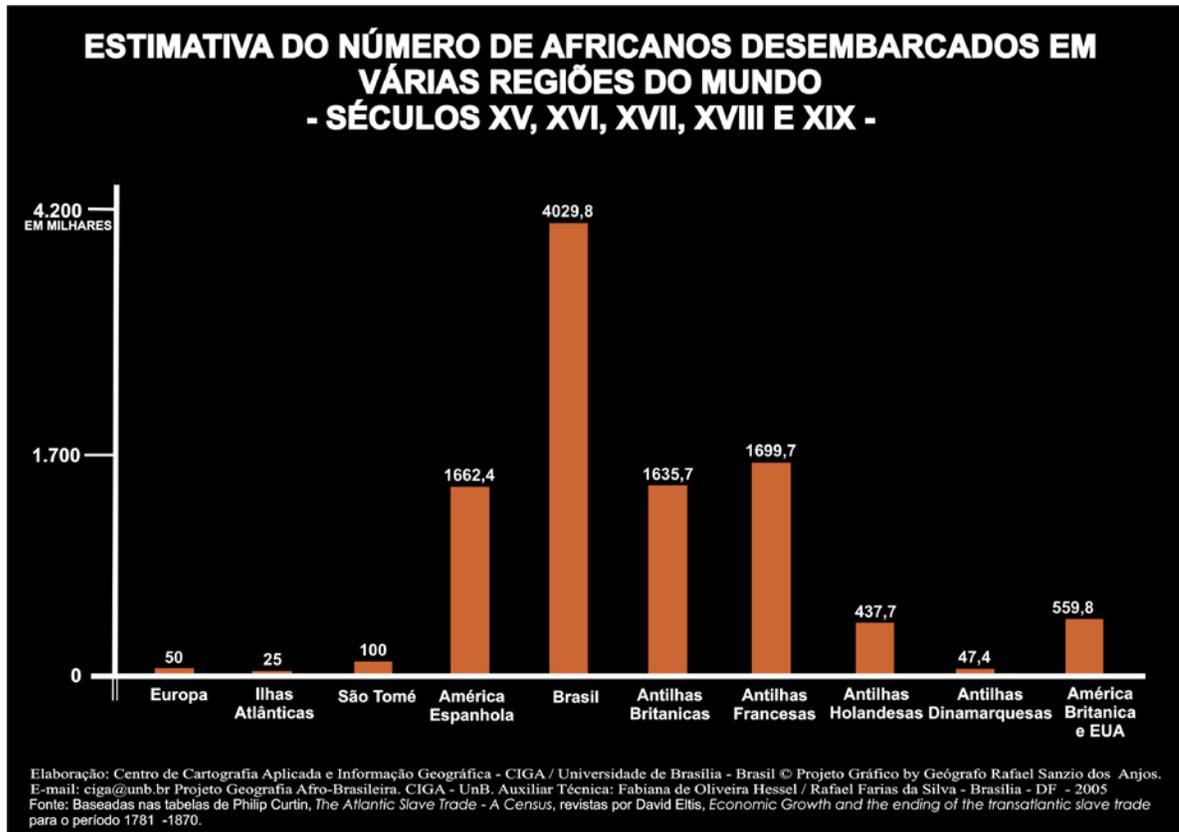
foco na cidade de São Salvador. Ainda nesta parte, são apontadas referências ao espaço africano de viver do escritor na Rua Alagoinhas na cidade de Salvador e finalmente, são feitas algumas conclusões do processo de trabalho desenvolvido. Com essa estruturação buscamos contribuir efetivamente para a ampliação do conhecimento e a continuidade das discussões, onde a questão étnico-racial no Brasil seja tratada com mais seriedade. Este trabalho faz parte de uma das etapas operacionalizadas no **Projeto Geografia Afro-Brasileira: Educação & Planejamento do Território**, em desenvolvimento no Centro de Cartografia Aplicada e Informação Geográfica (CIGA) do Departamento de Geografia da Universidade de Brasília e na Fundação Brasil Africano.

1. A DIÁSPORA AFRICANA PARA O BRASIL E AS TERRITORIALIDADES COLONIAIS – UMA SÍNTESE

O movimento histórico das grandes navegações, deve ser entendido como uma conseqüência direta do processo geográfico de dominação territorial desenvolvido, amadurecido e implementado pelo continente europeu. O horizonte geográfico das terras emersas vai ser ampliado de forma significativa pelos novos encontros de culturas, identidades e territorialidades. Como resultado, o mapa do mundo vai ser profundamente modificado nos séculos XV, XVI, XVII, XVIII E XIX, sobretudo pelos novos territórios a ele incorporado e as “novas” fronteiras constituídas e impostas. Este período da história dos seres humanos vai se caracterizar por uma nova fase de relações entre estes e a natureza. Os trópicos eram vistos pelo europeu como um mundo que poderia lhe oferecer um conjunto de produtos que não existiam no seu continente e esta estratégia representava um estímulo à política mercantilista, ao desenvolvimento do capitalismo comercial e ao fortalecimento do Estado. Não eram somente as riquezas da África que interessavam a Europa Moderna, os seres humanos, também eram necessários aos colonizadores para o cultivo e a exploração das minas. Instaura-se assim um novo período de escravidão humana, associada à acumulação de capitais, estruturado num sistema político, jurídico e econômico que vai permitir o desenvolvimento de uma gigantesca empresa comercial, possibilitando a expansão do capitalismo. O tráfico demográfico forçado do continente africano para a América foi, durante quase quatro séculos, uma das maiores e mais rentosas atividades dos

negociantes europeus, a tal ponto de se tornar impossível precisar o número de africanos retirados de seu habitat, com sua bagagem cultural, a fim de serem, injustamente, incorporados às tarefas básicas para formação de uma nova realidade. Entre 12 e 13 milhões de seres humanos africanos transportados é uma referência, apesar das pesquisas divergirem, ainda atualmente, sobre os registros quantitativos nessa diáspora africana. Entretanto, é consenso na comunidade científica que a dinâmica do tráfico trouxe problemas de despovoamento em numerosas áreas do continente.

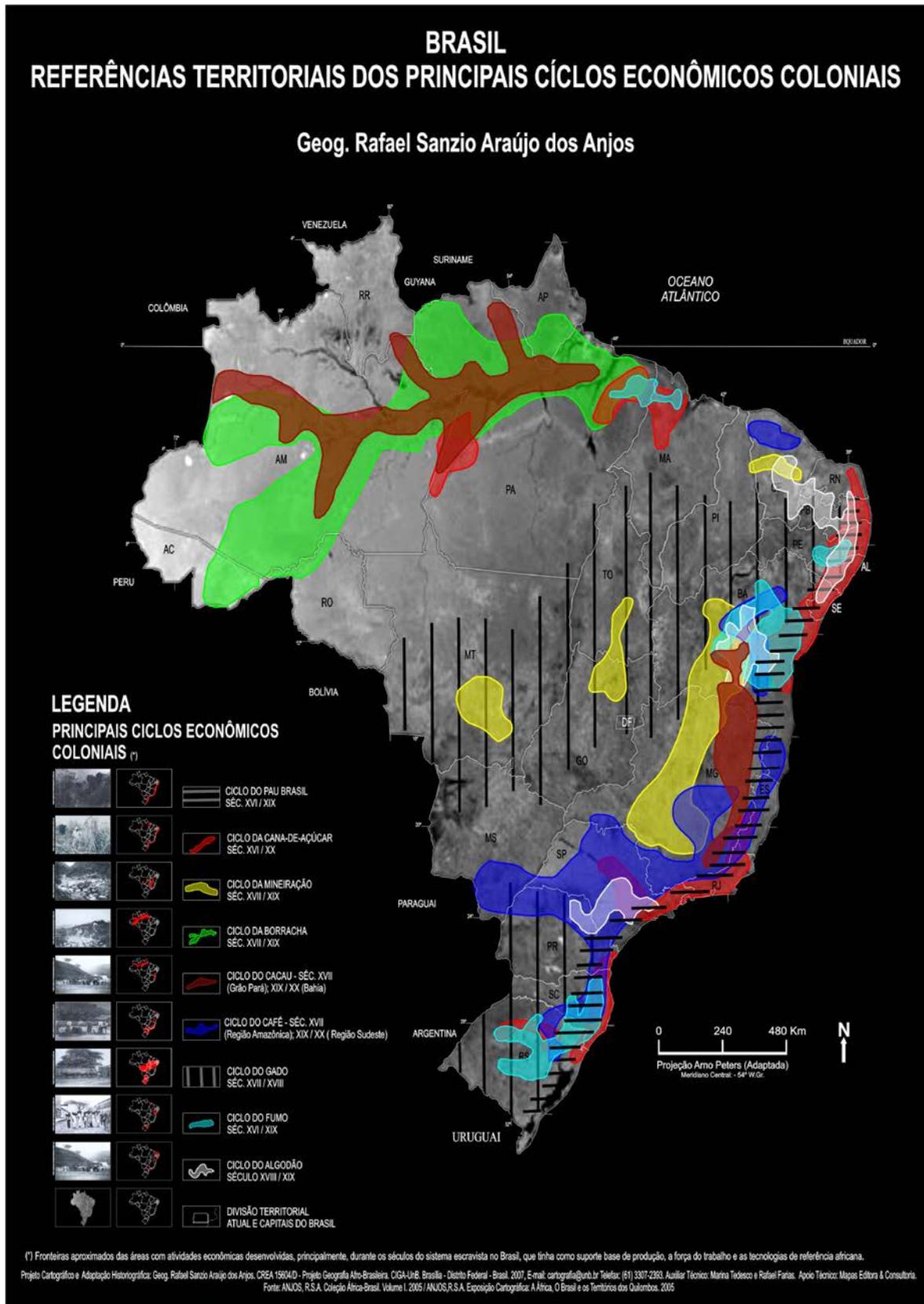




É importante lembrar que o conceito geográfico de diáspora tem haver com a referência de dispersão de uma população e das suas matrizes culturais e tecnológicas. Ao longo da história podemos identificar a construção de territórios pela mobilidades das migrações, tanto de forma voluntária quanto das migrações forçadas. Na África, podemos caracterizar alguns destes grandes movimentos demográficos, a começar pela primeira diáspora, que corresponde ao processo espacial milenar de povoamento e ocupação do próprio continente e, posteriormente, para outras terras emersas do mundo. O fenômeno espacial que abordamos, nesta oportunidade está ligado aos séculos de deslocamentos, geralmente, denominado, “tráfico negreiro” para a América (Novo Mundo), fruto de longos períodos de migração forçada do continente africano, contexto propulsor do sistema escravista e base fundamental do capitalismo primitivo.

Devemos ressaltar que foram as regiões geográficas do Brasil de interesse econômico europeu que detiveram os maiores fluxos de populações africanas escravizadas. A sequência dos mapas temáticos mostra uma representação gráfica das referências territoriais de origem na África nos quatro séculos do tráfico de populações e desestruturação de sociedades e Estados. No século XVI, a referência espacial principal são as regiões caracterizadas como Alta e Baixa Guiné. Esses foram trazidos principalmente para as regiões açucareiras de Pernambuco e Bahia, mas também, foram levados para o Maranhão e para o Grão-Pará. Os territórios africanos atingidos pelo tráfico nesse período atualmente correspondem aos limites internacionais dos seguintes países: Serra Leoa, Senegal, Guiné, Guiné-Bissau, Nigéria, Benin, Burquina Faso, Gana, Costa do Marfim, Libéria, Mali e Gâmbia. No século XVII o tráfico vai ser dinamizado na Costa de Angola, transportando povos africanos para a Bahia, Pernambuco, Alagoas, Rio de Janeiro, São Paulo e regiões do centro-sul do Brasil, e na Costa da Mina, com fluxos para as províncias do Grão-Pará, Maranhão e o território atual do Rio Grande do Norte. A antiga Costa da Mina compreende atualmente os territórios dos seguintes países: Costa do Marfim, Libéria, Burquina Fase, Mali, Niger, Congo, Gana, Togo, Benin, Nigéria e Camarões. A conhecida Costa de Angola corresponde atualmente aos seguintes países: Angola, Gabão, República Democrática do Congo e Guiné Equatorial. Nos séculos XVII e XVIII, vão se constituir as mais importantes e duradouras extensões territoriais das rotas do tráfico negreiro: as Costas da Mina e de Angola. É nesse período que vão ocorrer os maiores volumes de povos africanos

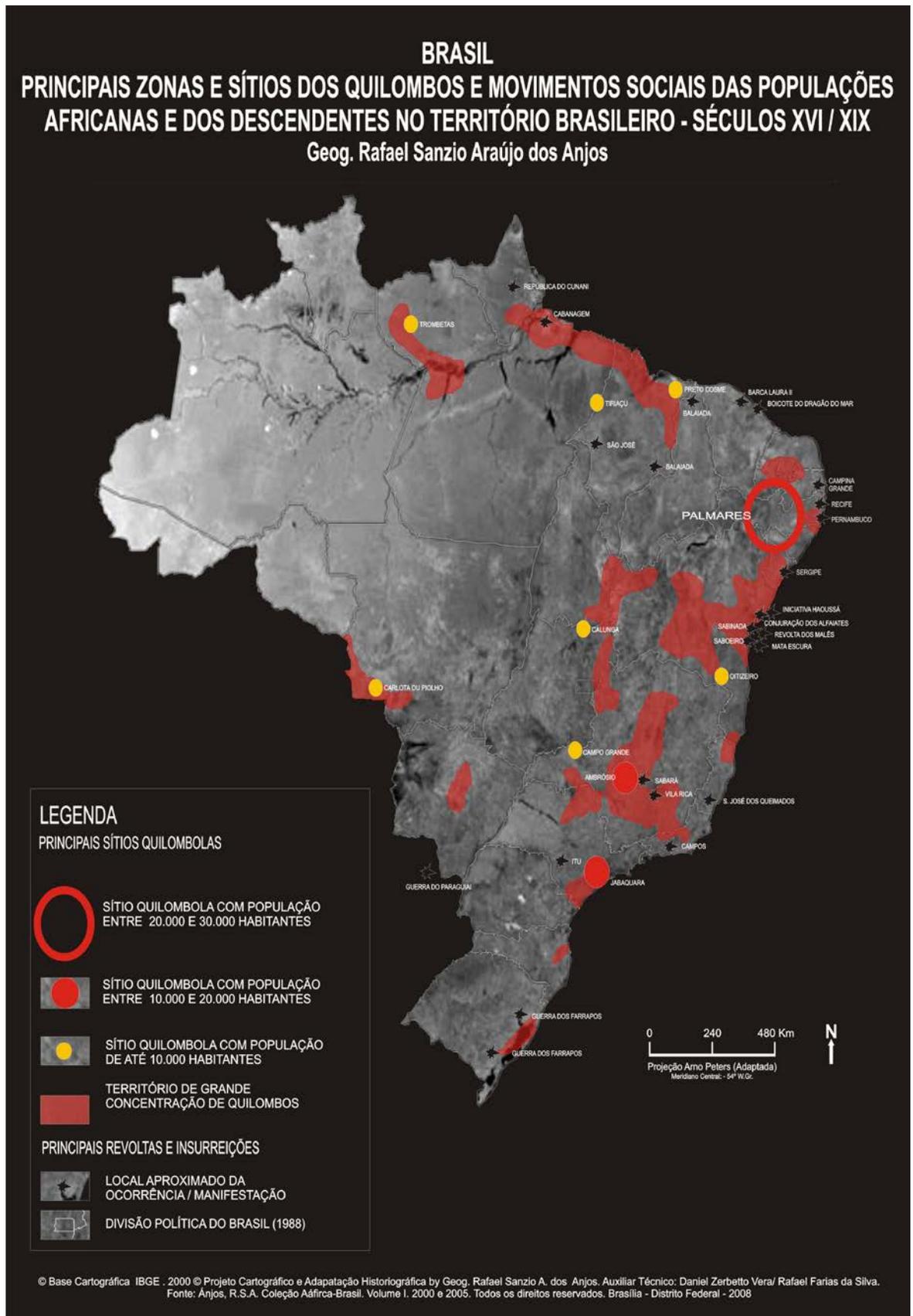
transportados para o território brasileiro.



A primeira metade do século XIX caracterizou-se pelos vários tratados visando abolir o tráfico negreiro, o que no Brasil só ocorreu efetivamente em 1850. Pelo quadro de ilegalidade e clandestinidade, os dados estatísticos dos movimentos demográficos são bem imprecisos. Os espaços geográficos da África atingidos por esse último ciclo têm correspondência, na atualidade, aos territórios dos seguintes países: Gana, Togo, Benin, Nigéria, Gabão, Congo, Angola, República Democrática do Congo, Moçambique e Madagascar. Esse é o período em que são desfeitas as ligações bilaterais entre os continentes africano e americano, sendo destruídas as rotas do tráfico triangular entre a América, a África e a Europa. Entretanto, o Brasil por 66 anos e os Estados Unidos por mais 90 anos, continuaram escravistas depois da independência.

A manutenção dessa estruturação política, econômica e territorial por quase quatro séculos no território brasileiro e a quantidade de africanos importados até 1850, não devidamente quantificada, mostra como a consolidação da sociedade escravagista conseguiu estabilizar-se e desenvolver-se mesmo com os conflitos políticos e contradições econômicas e sociais. No “*Brasil Colônia*”, o *quilombo* era uma reconstrução e elaboração concreta de um tipo de organização territorial existente na África Meridional, que apresenta variadas significações e, uma delas é um *estado permanente de guerra*. A palavra aportuguesada *quilombo*, tem sua origem na estrutura da língua *bantu* (*kilombo*) e pode ser entendido ainda, como *acampamento guerreiro na floresta*, o nome de uma região Administrativa de Angola, habitação no território do antigo Reino do Congo; *lugar para estar com Deus* na Região Central da Bacia do rio Congo e, significa, ainda, na Região Centro-Norte de Angola *filho de preto que não é preto*.

A grande extensão dos povoados “livres”, com uma forma de organização territorial de matriz africana, que vão se desenvolver nas margens brasileiras do Oceano Atlântico, têm em comum a referência de um espaço seguro e protegido, não necessariamente isolado, com igualdade de condições na maioria das relações comunitárias, de liberdade de acesso à terra e de uma base possível de ter confrontos e guerras pela manutenção do espaço “livre”. Algumas considerações em torno das referências espaciais do “Brasil Africano” do escritor Jorge Amado na Bahia são temas tratadas no item a seguir.

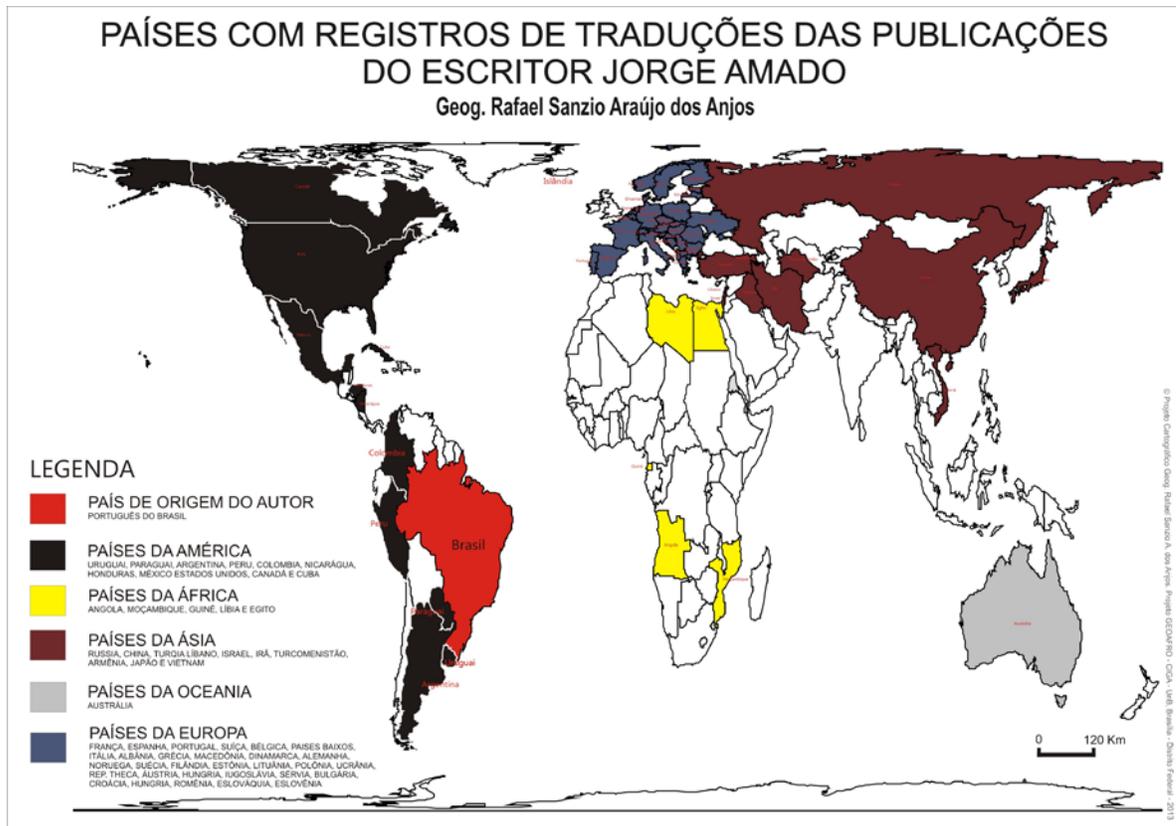


2. O “BRASIL AFRICANO” DE JORGE AMADO NA BAHIA - BRASIL

Um componente estrutural que vai permear as imaginações e composições de Jorge Amado nas suas obras, são as suas referências vividas na infância na Região do Cacau no sul da Bahia. Seja no Espaço urbano (Cidade de Ilhéus), seja no espaço rural (nas fazendas de cacau), o escritor revela detalhes significativos nos seus escritos do “universo da Bahia Colonial do início do século XX” cujas matrizes estão nestas vivências.

Na “Cidade de Bahia” maneira como popularmente a Capital Salvador era designada no século XIX e também XX, sobretudo pelas pessoas do interior do Estado, sejam nos espaços “oficiais” ou na sua periferia economicamente pobre, mas socialmente rica de referências culturais africanas, como: a arquitetura da casa, da rua e do bairro; o espaço do terreiro de candomblé; a mandinga da capoeira na Área do Cais do Porto; a sedução do Samba de Roda; dentre outras expressões territorializadas, a obra de Jorge Amado, possibilitou no Brasil, um conhecimento desses “universos” pelas oligarquias, sobretudo e, difundir, pelo menos em 25 outras línguas (espanhol, francês, italiano, alemão, coreano, dinamarquês, grego, holandês, italiano, polonês, russo, theco, húngaro, basco, chinês, inglês, norueguês, romeno, hebarico, islandês, sueco, turco, árabe, croata, libanês, ucraniano, dentre outras), um “Brasil Africano” que teria dificuldades de ser mostrado se não houvesse um autor identificado com as referências africanas no Brasil, marcadamente representados nos seus personagens e cenários geográficos.

O Estado da Bahia, particularmente as da cidade de São Salvador de Bahia ou Cidade da Bahia, constitui o espaço de maior referência geográfica nas obras de Jorge Amado. Alguns deles são profundamente descritos na sua paisagem e “intimidade urbana” como, por exemplo: o Pelourinho, o morro do Capa-Negro, o Cais de Salvador, Itapuan, Amaralina, Pituba, Farol da Barra, o morro da Igreja do Bonfim, Peripiri, dentre outras partes deste conjunto urbano, marcado pelas referências africanas. Ver o Mapa atual da cidade de Salvador com a localização aproximada desses sítios. Ainda na Bahia podemos destacar as suas referências ao Recôncavo da Bahia, como por exemplo: Santo Amaro da Purificação e, a Região do Sul da Bahia, com foco em São Jorge dos Ilhéus e Itabuna. Pelo menos 20 das suas obras, particularmente as escritas no período de 1930 – 1950 e 1958 – 1970, foram identificados territórios de matriz afro-brasileira.



A sequência das fotografias a seguir registram e destacam aspectos importantes da “africanização” da paisagem geográfica da cidade de Salvador e Região do Recôncavo da Bahia. São cinco as temáticas centrais abordadas, que são sistematicamente retratadas na obra de Jorge Amado:

1. A paisagem urbana européia com preenchimento africano;
2. O Cais do Porto, o estivador e a capoeira;
3. A feira “livre” e as referências africanas consolidadas;
4. Os espaços do Candomblé;
5. A Bahiana do Acarajé no espaço público e comunitário.

Fotografia 01



Foto: Augusto Malta. Século XIX. Centro da cidade de São Salvador de Bahia. Acervo: Biblioteca do Ministério do Trabalho – Brasília.

Fotografia 02



Foto: Marc Ferraz. Século XIX. Encosta, Cidade Baixa e proto de São Salvador de Bahia. Cortesia: Instituto Histórico e Geográfico da Bahia - Salvador.

Fotografia 03

Foto: Mestres João Grande e João Pequeno no Cais de Salvador. Arquivo Fundação Jair Moura. Salvador – BA. Século XX

Fotografia 04

Foto: Mestre Bimba no seu Barracão em Amaralina. Arquivo Fundação Jair Moura. Salvador – BA. Século XX

Fotografia 05



Foto Anônima: Porto da Feira de São Joaquim – Cidade Baixa. Acervo Fundação Gregório de Mattos – PMS. Salvador – BA. Século XX. Código: IM16_DN. P.139_F.9399

Fotografia 06



Foto Anônima: Feira de São Joaquim – Cidade Baixa. Acervo Fundação Gregório de Mattos – PMS. Salvador – BA. Século XX. Código: IM17_DN.P.140_F.1219

Fotografia 07

Foto: Água de Meninos – Cidade Baixa. Acervo Fundação Gregório de Mattos – PMS. Salvador – BA. Século XX. Código: IM39_PMS.P.460F.2399

Fotografia 08

Foto: Agliberto Lima. Terreiro da Casa Branca – Av. Vasco da Gama. Acervo Fundação Gregório de Mattos – PMS. Salvador – BA. Século XX. Código: IM11_ESP.P.104_F1808

Fotografia 09



Foto: Agliberto Lima. Encontro de Tradição Orixá em Candomblé. Acervo Fundação Gregório de Mattos – PMS. Salvador – BA. Século XX. Código: IM10_ESP.104_F.1815

Fotografia 10



Foto Anônima: Bahiana de Acarajé na cidade de São Salvador de Bahia. Acervo Fundação Gregório de Mattos – PMS. Salvador – BA. Século XX. Código: IM26_PMS.P.226F.5146.2

2.1 O ESPAÇO GEOGRÁFICO AFRICANO DO VIVER DE JORGE AMADO – REFERÊNCIAS DA SUA RESIDÊNCIA

As referências da África no Brasil registradas nos livros de Jorge Amado estão presentes de forma significativa também, na sua residência oficial na Rua Alagoinhas, 33 no Bairro do rio Vermelho em Salvador. Projetada pelo Arquiteto Gilbert Chaves, a família Amado mudou-se para a nova residência em janeiro de 1963. A sequencia das fotografias de Adenor Gondim (1999) revelam a dimensão africanizada da referida casa. Os textos são do próprio Amado no livro Rua Alagoinhas 33, Rio Vermelho (Fundação Casa de Jorge Amado, 1999).

Fotografia 11

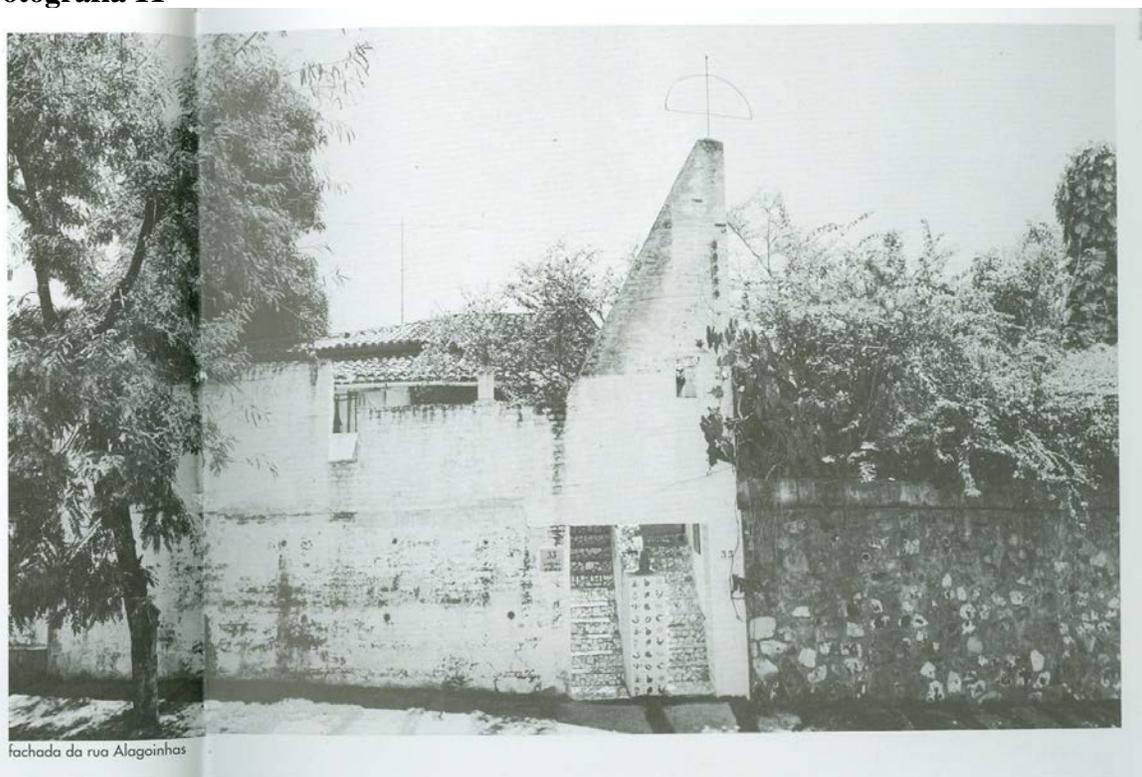


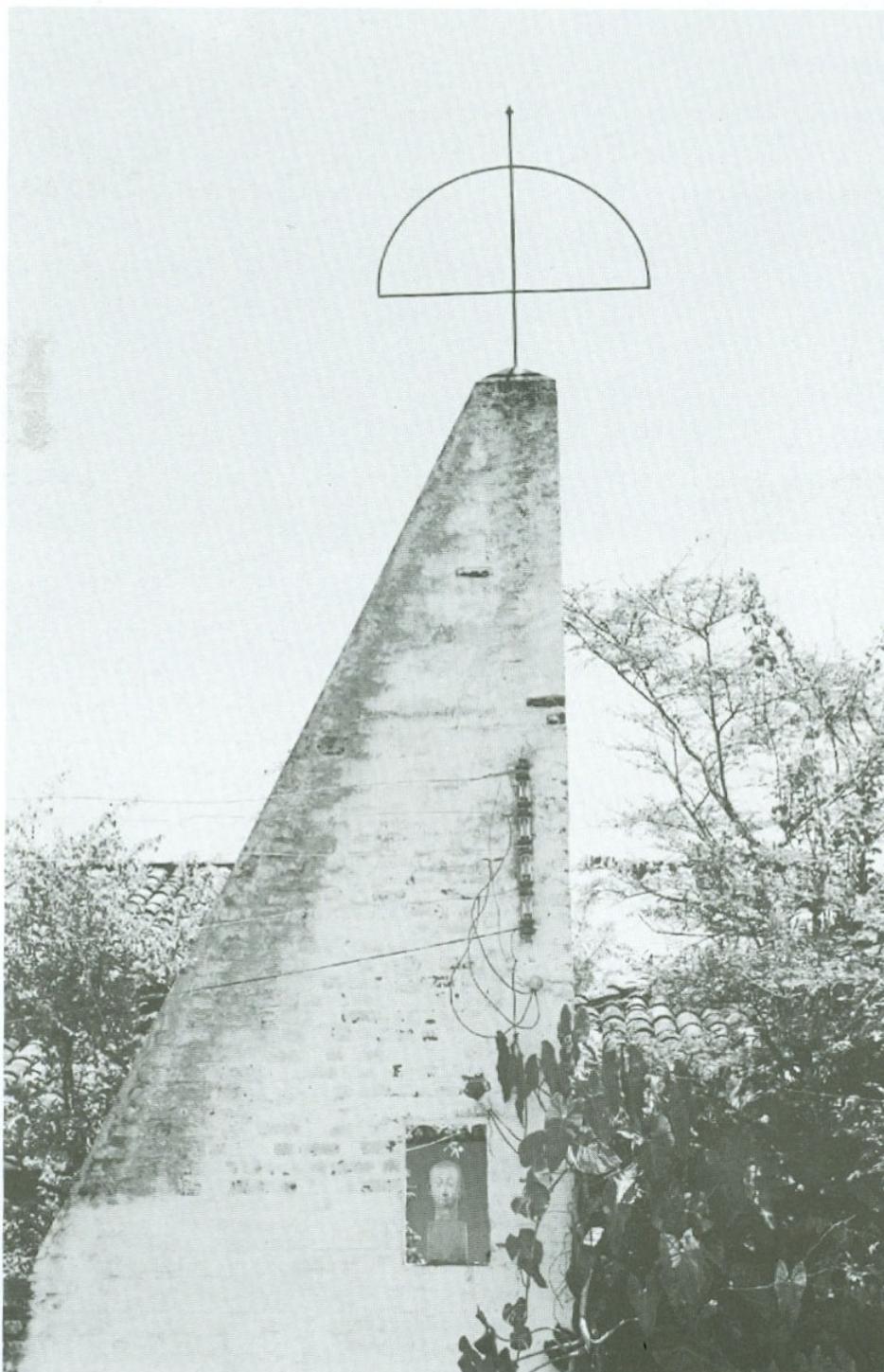
Foto: Adenor Goudim, 1999. Fachada da casa da família Jorge Amado. Rio Vermelho – Salvador – BA.

“A luz projete sombras sobre o muro, e reflete os cacos de azulejos que compõem o mosaico da escada de entrada. No ponto mais alto, a arma de Oxóssi, próxima do céu, misturando-se com as nuvens, protegendo a casa do seu filho.”

“ Xangô acolhe o visitante através de sue machado ritual.”

Jorge Amado, Paloma Amado e Gilbert Chaves, 1999

Fotografia 12.



Arma de Oxossi na fachada da casa da família Jorge Amado. Rio Vermelho – Salvador – BA. Foto: Adenor Goudim, 1999

Fotografia 13

Foto: Adenor Goudim, 1999. Grande Exú no quintal da casa de Jorge Amado. Rio Vermelho – Salvador – BA.

“O grande Exu que guarda a casa, plantado no jardim entre árvores, é obra do artesão Manu

que fazia os Exus para o candomblé do Gantois. Todas as segundas-feiras Zélia lhe dá a beber um gole de cachaça. Quando ela não está, Aurélio faz as vezes.”

Jorge Amado, 1999

3. ALGUMAS CONCLUSÕES

Considerando-se que as construções analíticas e as especulações não se esgotaram, concluímos o seguinte:

- A primeira constatação básica sobre a importância do “Brasil Africano” reconstituído na obra de Jorge Amado para o Brasil e a África, se mostra nesta fala de Mia Couto em 2008. Ele diz o seguinte: “Jorge Amado não foi apenas o mais lido dos escritores estrangeiros. Ele foi o escritor que maior influência teve na gênese da literatura dos países africanos que falam português.” (COUTO, 2008, p. 63). Sobre a relevância de Amado no continente africano, o mesmo lembra ainda: “Esta familiaridade existencial foi, certamente, um dos motivos do fascínio nos nossos países. As suas personagens eram vizinhas não de um lugar, mas da própria vida. Gente pobre, gente com os nossos nomes, gente com as nossas raças passeavam pela páginas do autor brasileiro. Ali estavam os nossos malandros, ali estavam os terreiros onde falamos com os deuses, ali estava o cheiro da nossa comida, ali estava a sensualidade e o perfume das nossas mulheres. No fundo, Jorge Amado nos fazia regressar a nós mesmos.” (COUTO, 2008)
- Verificamos que sem a “Geografia Africana da Cidade da Bahia” a literatura de Jorge Amado jamais seria a mesma, ou seja, o território da cidade de Salvador, marcado fortemente na primeira metade do século XX, por uma identidade africana bem definida no cotidiano urbano, mesmo no contexto de exclusão sócio espacial e o preconceito secular do sistema escravocrata. Seja nos espaços “oficiais” ou na sua periferia economicamente pobre, mas socialmente rica de referências culturais africanas, como: a arquitetura da casa, da rua e do bairro; o espaço do terreiro de candomblé; a mandinga da capoeira na Área do Cais do Porto; a sedução do Samba de Roda; dentre outras expressões territorializadas, a obra de Jorge Amado, possibilitou no Brasil e no exterior, um conhecimento desses “universos” pelas

oligarquias e intelectuais, sobretudo e, difundir um “Brasil Africano” que teria dificuldades de ser mostrado se não houvesse um autor identificado com as referências africanas no Brasil, marcadamente representados nos seus personagens e cenários geográficos. Mesmo com os riscos dos estereótipos criados pelos “imaginários” provocados pelas obras do autor ao longo do século XX e neste início do século XXI, não se verifica nenhum (a) autor (a) que trate das matrizes africanas sobreviventes e resistentes no Brasil com a amplitude geográfica realizada por Jorge Amado. Nesse sentido, como Carybé e Pierre Verger, ambos “mensageiros” vindos de terras distantes (Argentina e França), o Jorge Amado foi o nosso “mensageiro da casa”..

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANJOS, R. S. A. “Coleção África–Brasil: Cartografia para o ensino–aprendizagem”. Brasília: Mapas Editora & Consultoria, 2ª. Edição. 2005 – BsB - DF.

_____ “Territórios das comunidades remanescentes de antigos quilombos no Brasil – Primeira configuração espacial”. Brasília: Mapas Editora & Consultoria, 3ª. Edição. 2005 – BsB – DF.

_____ “Territórios das comunidades quilombolas do Brasil – Segunda configuração espacial. Brasília: Mapas Editora & Consultoria. 2005 – BsB – DF.

ANJOS, R.S.A & CYPRIANO, A. “Quilombolas – tradições e cultura da resistência”. Aori Comunicações. Petrobras, 2006. São Paulo, 240 p.”

ANJOS, R.S.A. Coleção África-Brasil: Cartografia para o ensino-aprendizagem. Volume II Brasília: Mapas Editora & Consultoria, Brasília, 2007.

_____ África-Quilombos-Brasil: Atlas Geográfico. Relatório Final de Pós-Doutorado em Cartografia Étnica. Universidade de Brasília - GEA - CIGA / CNPQ / Museu Real da África Central MRAC - *Tervuren*. Bruxelas - Bélgica, 2008.

_____ Quilombos: Geografia Africana-Cartografia Étnica-Territórios Tradicionais. Mapas Editora & Consultoria, 190p. Brasília, 2009

_____ Territorialidade Quilombola: Fotos & Mapas / Quilombola Territoriality: Photos & Maps. Mapas Editora & Consultoria., 124 p. Brasília, 2011

CASTRO, Y. P. “Falares africanos na Bahia – um vocabulário afro-brasileiro”. Academia Brasileira de Letras. Rio de Janeiro: Topbooks, 2001, 366p.

COUTO, M. E se Obama fosse africano? Ensaios. Companhia das Letras. São Paulo, 2011 202 p.

FUNDAÇÃO CASA DE JORGE AMADO. Rua Alagoinhas 33, Rio Vermelho. Textos de Jorge Amado, Gilbert Chaves e Paloma Jorge amado / Fotos de Adenor Gondim e Arte de Pedro Costa. Salvador, 1999, 160 p.

(*) Este artigo é fruto da apresentação palestra proferida no Colóquio Internacional em Homenagem a Jorge Amado, realizado em outubro/2012 na Universidade de Rennes 2 – França.

AGRADECIMENTO

Agradeço à Fundação Gregório de Mattos – Prefeitura Municipal de Salvador pela autorização de uso dos registros fotográficos usados nesse artigo, assim como, à Fundação Jair Moura, pelas fotografias de capoeira também utilizadas no *paper*. A Geógrafa Isabela Souza. pela tradução do texto para versão em inglês.